

AtéJazz

JERÓNIMO BELO



AngraJazz 2025

Trés noites em que o Atlântico foi palco de afectos, partilhas e dos sons intensos do jazz contemporâneo. Mais do que um Festival, na Ilha Terceira, um gesto de resistência cultural que une artistas, público, críticos e comunidade em tempos de adversidade e incertezas.

A programação deste ano, apesar das carências no que toca "aos apoios regionais à cultura", como destacou a Direcção da Associação Cultural AngraJazz, no livro distribuído, não apenas confirmou a vocação cosmopolita do evento, mas também precipitou um cartaz de jazz no Atlântico, e reuniu alguns nomes sonantes do jazz mundial.

Paralelamente, a iniciativa Jazz na Ilha animou a capital da Ilha Terceira, a parata Angra do Heroísmo, de 26 de Setembro a 4 de Outubro, com música em cafés, praças e escolas, envolvendo toda a comunidade; espalhando a música pela cidade.

No entanto, de 2 a 4 de Outubro, o Centro Cultural e

a Base americana das Lajes. E cantou... na Terceira.

Com a elegância de um maestro e o swing de um coração inquieto, Frank Sinatra transformou cada canção em pura conversa entre alma e jazz. Sinatra era o silêncio entre as notas do jazz — onde a emoção respirava e o tempo se curvava ao charme da sua voz.

Foi assim, com Sinatra na memória, que arrancou o AngraJazz, a orquestra e o convidado João Ribeiro, voz.

Como habitualmente, a orquestra da Ilha Terceira que integra músicos açorianos em colaboração com o instrumentista / cantor João Ribeiro, fruto de muitos anos de trabalho e formação sob a direcção dos maestros Pedro Moreira e Klaus Nymannik "abriu as hostilidades", como dizem os benfiquistas.

Ficam agarradas à alma, algumas verdades dessa noite mágica: "Come fly with me", "My funny Valentine", "Pennies from heaven", "fly me to the moon".

João Ribeiro esteve sempre em sintonia com a "feeling" dos músicos — com a voz cuidadosamente

alterações de última hora: trabalhar depois do sono dos outros, reorganizar planos, transportes e mobilizar técnicos e voluntários, em função da meteorologia.

Na Terceira, o jazz é um pouco mais que uma tipologia musical: é um gesto de confiança, um laço comunitário e uma resposta colectiva, da organização e dos "jazz lovers", aos caprichos da Mãe Natureza.

E, apesar das terríveis ameaças de tempestade, também houve muita dissonância com algumas companhias aéreas. E, na primeira noite de Festival, a segunda banda viajou directamente do Aeroporto das Lajes para o local do concerto! Mas, uma parte significativa do público também soube esperar e resistir. E o saxofonista italiano Stefano Di Battista foi o que lhe compete: descolou-se em nome das companhias que toraram fora de torn, desafiaram, agradeceram aos "jazz lovers" resistentes e desatou a tocar como quem se despede. Disse "grazie" várias vezes. Este verso escrito nunca tinha visto a famosa operação "srand check" (ensaio de sorn), que se realiza várias horas antes



de Congressos de Angra do Heroísmo acolheu um programa de excelência. Desde sempre, uma das marcas do Festival tem sido o rigor na escolha dos artistas. Este ano, a programação não se afastou da regra, apesar das condicionamentos financeiros e muitos outros que sempre existem.

Entre os destaques, alguns dos nomes promissores do jazz contemporâneo, músicos que inovam e exploram novas linguagens sem esquecer o passado e a herança dos mestres, como o lendário saxofonista tenor, um dos nomes do Free Jazz, David Murray, e o colectivo feminino Autemis, liderado pela pianista e compositora casalese Renée Rosner, com Ingrid Jansen (trompete), Nicole Glover (sax tenor), Noriko Ueda (contrabaixo) e Allison Miller, em bateria, formação que foi distinguida como "grupo do ano" pela Jazz Journalists Association.

O cartaz equilibra propostas arrojadas.

A orquestra AngraJazz

E, na primeira noite, à medida as luzes desmaiam, quando os músicos da orquestra iniciam a ocupação dos seus lugares, os saxos, trompetes, trombones, guitarra, piano, contrabaixo e bateria, afinam os respectivos instrumentos, com o toque da pianista Antonella Barletta, a audiência fica a saber que há oitenta (80) anos, Sinatra passou pela Ilha, onde existia



Sed dignissim elit eget dolor viverra rutrum. In et eros vel neque sollicitudin adipiscing. Cras quis diam ut justo blandit sodales. Mauris vitae nisi justo. Morbi mollis consequat odio ut

articulada — em que o tempo se associava ao seu indiscutível swing. Belos momentos.

Bastidores e Resiliência em tempos difíceis

A organização de um concerto, de um evento cultural, milim. de um Festival é sempre um desafio.

Se, em edições anteriores, a logística já era um enorme obstáculo — trazer músicos de várias partes do mundo até ao meio do Atlântico — este ano o cenário tornou-se ainda mais complexo. O furacão Gabrielle, que se abateu sobre os Açores, provocou estragos, cortes de energia e cancelamentos de voos. Foi necessário, como se faz no jazz, improvisar, face às



do concerto, ser efectuada com os músicos em palco e em acção!!! Aiúé. Segundos depois, nada de distorção. Cirurgia cardíaca de topo em tempo real.

Stefano Di Battista

O saxofonista italiano Stefano Di Battista apresentou o seu mais recente projeto, La Dolce Vita — uma homenagem luminosa à música e ao cinema Italianos. Acompanhado do seu quinteto, Di Battista recria temas inquestionáveis de Nino Rota, Nicola Piccinni, Paolo Conte e outros mestres, evocando o universo poético de Federico Fellini e Roberto Benigni. Entre o Eriemo e a improvisação, o concerto transforma clássicos como La vita è bella, Amarcord e Volare em novas paisagens sonoras, onde o jazz encontra o espírito da Itália — doce, nostálgica e vibrante. Uma viagem emocional que celebra a beleza do som, da memória e do sonho.

O resultado foi um concerto que souu como uma viagem pelo coração emocional da Itália — uma Itália de sonhos, luz e sombra, humor e melancolia — que o cinema de Federico Fellini e Roberto Benigni eternizou nas suas hienórias.

No próximo "AtéJazz" conto-vos, caros leitores, mais histórias com música, mas, e vários calorosos abraços. E adenses.

Abraçadamentejazz, Gg, Jerónimo

AtéJazz

JERÓNIMO BELO



AngraJazz 2025 – O Som que Fica no Ar (Conclusão)

Chegar ao fim de mais um AngraJazz é como ver o mar da Terceira depois de uma tempestade: o silêncio que fica é tão cheio quanto o som que o antecedeu. Escrevo estas linhas com o coração ainda vibrante das três noites em que a ilha foi mais do que paisagem — foi palco, foi casa, foi companheiro. Concluo, assim, o trabalho que me acompanhou ao longo destes dias e semanas, entre sons, rostos, notas e luzes. Mas, na verdade, o AngraJazz — para mim — nunca se conclui. Ele fica a ressoar, discreto, dentro de nós.

Três dias de música — e cada um com a intensidade de uma vida. Da voz profunda e ternosa de Ekko Nkwelle, filha de pais zambianos e nascida em Washington D. C. Começou no canto clássico, mas quando ouviu Sarah Vaughan passou a morar no jazz. Nkwelle, apesar dos seus 36 aninhos, tem um currículo profissional impressionante e um talento quilométrico. Está em demanda do futuro, mas sabe que existem passados obrigatórios: Duke Ellington, Art Blakey, Billie, Ella, Sarah e Abbey Lincoln.

Trouxe de África não apenas o canto, mas o tempo ancestral da terra, e arrancou, do fundo da alma, "Good Morning Heartache" — tão marcado pela voz de Billie Holiday, e mais tarde também pela de Sarah Vaughan — e "Meanin'", do pianista e compositor Bobby Timmons — dois modos de transformar a dor em beleza; temas onde ainda hoje pulsa a alma eterna do jazz: a arte de dizer tudo o que o silêncio não ousa confessar.

Ekip trouxe a frescura e a energia da nova geração do jazz "made in USA" e o calor que a audiência necessitava para se compensar do mergulho frio e introspectivo do trio liderado pelo pianista Samuel Lercher, apesar da inclusão de instrumentistas competentes e cumpridores.

Da última noite, sábado, também trouxe comigo o sopro inconfundível do saxofonista David Murray, que fez do saxofone um barco de vento e memória, impressionando a atenta plateia com improvisos intensos e inesperados. E, no fim dessa noite, houve o tal momento que eterniza um Festival: a presença do "supergrupo" Artemis, que elevou a energia do palco a um território de comunhão e liberdade.

Integrado por instrumentistas notáveis, com especial destaque para a contrabaixista japonesa Noriko Ueda e a saxofonista americana Nicole Glover, de Portland, a banda "Artemis", liderada pela pianista canadense Renée Roune, encerrou o AngraJazz com elegância e enorme criatividade. Permanecerão comigo, ternamente na memória, dois temas-Tributo: um inesquecível "Hackensack", de Monk, e um subarbo "Footprints" de Wayne Shorter. Estava encerrado o Festival. O coletivo "Artemis" deixou, dificilmente, o palco com elegância e enorme criatividade, celebrando o jazz de hoje.

O AngraJazz não é só uma sequência de concertos, é um espaço onde o jazz se transforma em linguagem universal, feita de escuta, improviso e cumplicidade.

E entre as luzes, um outro olhar persiste: o de Rui Caria. Desde 2018, Rui fotografa o festival como quem toca com a câmara. As suas imagens não são simples registos — são notas visuais que prolongam o som.

O AngraJazz 2025 foi, mais uma vez, um testemunho do que o encontro humano pode gerar quando a arte serve de mediadora. A organização (Miguel Cunha, José Ribeiro, Luís Mendes, Rui Borba e Rui Melo) — sempre incansável — voltou a provar que é possível criar excelência num recanto do Atlântico, com rigor, afecto e uma devoção que ultrapassa a mera logística. O Festival é, acima de tudo, uma celebração de relações: entre músicos e

ouvintes, entre críticos e criadores, entre quem chega — e parte — e quem fica.

É precisamente aos críticos de jazz que quero deixar uma palavra especial. O seu olhar atento e generoso, o diálogo que mantêm com os artistas e com o público, dão a este festival uma dimensão de partilha intelectual e emocional que raramente se encontra. Não vêm apenas para analisar — vêm para sentir, para aprender, para trocar ideias. E é nessa troca que todos crescemos. Aprendemos uns com os

outros, entre críticos e criadores, entre quem chega — e parte — e quem fica.

No fim, quando as luzes se apagam e o último acorde se perde no ar salgado, resta o convívio. A conversa depois do concerto, o copo partilhado, o riso cúmplice entre quem trabalhou, tocou e ouviu. É nesse convívio que o AngraJazz se revela em plenitude: como um gesto de humanidade, um



outras, como num improviso que se constrói a várias vozes.

Mas se há alguém que merece um aplauso prolongado, é o público. O público agoriano — e aqueles que vêm do fora — soube esperar. Esperar o

exercício de confiança mútua, um modo de estar no mundo. Aqui, na Ilha Terceira, aprendo sempre que o jazz — como a vida — só existe quando há espaço para o outro.

Termine com gratidão. Agradeço à organização do AngraJazz pela competência e pelo carinho com que fazem de cada edição uma obra colectiva. Agradeço aos músicos, que nos lembram que a beleza se cria no instante. Agradeço aos críticos e aos amigos de jazz, pelo diálogo e pela generosidade. E agradeço, acima de tudo, ao público, que soube esperar, escutar e sentir.

O trabalho está concluído — mas o jazz, esse, continua. Fica a vibrar na memória e no coração, como uma nota que não se quer deixar morrer. O AngraJazz é isso mesmo: a promessa de que a música pode unir o que o mar separa.

O AngraJazz não é só uma sequência de concertos, é um espaço onde o Jazz se transforma em linguagem universal, feita de escuta, improviso e cumplicidade